

O DOMINGO

SEMANARIO-POPULAR

DIRECTORES — ALGUNS JOVENS SEM LETTRAS

COLLABORADORES — Todos os Exo.^{os} Snrs. e Senhoras, que o honrarem com seus escriptos

1.^o Anno

ASSIGNATURA—Em Braga, mez, 60 rs.=pelo correio 80 rs.
ANNUNCIOS—Linha 40 rs =Repetição 20.
Os snrs. assignantes tem 30 p. c. d'abatimento.

ADMINISTRAÇÃO—Largo de S. Francisco n.º 9,
para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

14.^o Numero

Anno novo — Vida nova

PASSOU o anno de 1885. Portanto, pertence à historia com todos os acontecimentos que n'elle ocorreram.

Principiou 1886, cheio de vida: não sabemos o que a providencia n'elle nos quererá apresentar.

Quem olha por todos os mezes que temos de precorrer exclamamos: que de cousas não teremos de presenciar em todo esse precurso!...

E depois chegados a 31 de Dezembro diremos: que curto foi este anno, não teve mais de 12 mezes!...

Seja como fôr, o anno corre.

Entremos no carro mas perguntemos sempre para onde vamos e para que.

Anno novo, vida nova.

Bem; pois vejamos o que é um anno novo para todos.

Anno novo para um homem do mundo é o praso com que conta para fomentar a ambição e a segurar o que se chama o bem estar da vida.

Anno novo para um politico é o orisonte que lhe descobre o systema que deve trazer a felicidade á patria.

Anno novo para um militar é o tempo regulador da escala em que merecerá mais uma devisa.

Anno novo para um litterato, é o praso em o qual não tardará a produzir enthusiasmo os pomposos annuncios de certa obra de oportunidade, da qual se farão muitos pedidos e se multiplicarão edições corrigidas e augmentadas.

Anno novo para... alto! vejamos o que será um anno novo para um homem de bem, para um joven.

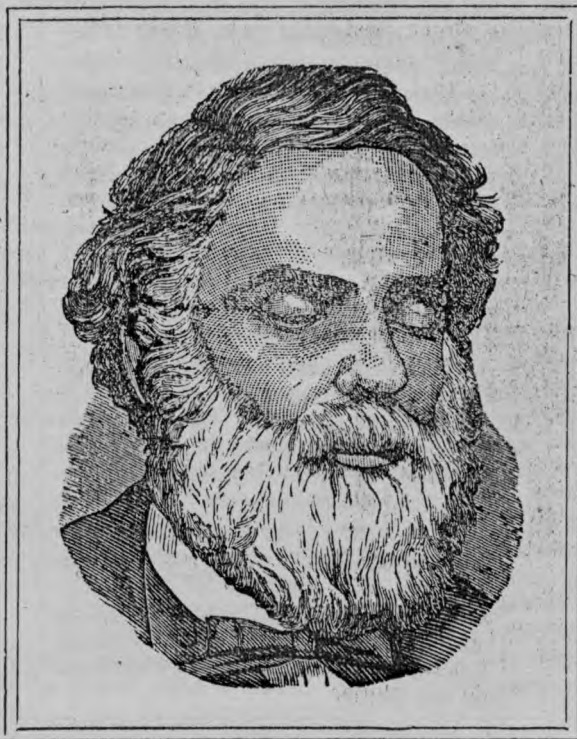
Para estes um anno novo deve ser o praso que se lhe dá para conhecer d'onde vem para onde vae e em que deve cuidar.

Um despertador vigilante que o chama em nome de Deus, para co-

nhecer seu fim e os meios de o alcançar.

Um fiscal que o reprehende do mau uso do tempo passado e um juiz que lhe ordena a resarcir todos os damnos causados ao seu espirito.

A vida nova é para elles um anjo tutelar que os guia na peregrinação d'este valle de lagrimas.



CASTILHO

Um escudo que os defende de todos os perigos, comtanto que se saibão aproveitar das graças que Deus lhe pôde dar.

Seja pois um proposito para todos ordenar a vida, formando um plano e comprindo-o cuidadosamente.

E de todos os deveres que todos têm de cumprir é urgente que não esqueçam os deveres religiosos, principios eternos e immorredouros que dão a felicidade na vida presente e uma eternidade feliz além do tumulo.

Ainda — Braga — Guimarães

PARECE incrível que os patriotas de Braga, e a imprensa d'esta cidade, por seu turno, deixem em boa paz e sem replica muitas das asserções do «28 de Novembro», jornal de Guimarães, o qual em periodos hebdomadarios nos vae calumniando alta e poderosamente e deixem passar sem uma acção fôrte e vigorosa as tramas que os vimaranenses andam a urdir pelas freguezias que circuitam Braga, afim de levarem por diante o seu intuito de deixarem este districto e irem-se para o do Porto.

A nós já pouco nos importaria com o que d'alli nos dizem em o n.º 2 d'aquelle jornal, que de 600 e tantos mil reis que lhe custara o imposto districtal em 1871, se elevou até 1885 á somma de nove contos e tantos centos de mil reis, para nos virem depois referir que, para quem nada ganha n'este jogo é tempo de fugir pelo districto fôra!... Oh ingratos! pois então indo *vossencias*, para o Porto não terão de pagar 60 em vez de 20 por cento?

E quem lhes assegura maior quinhão na bezerra e que serão contemplados com mais largueza?

Este jogo não é nada para os do «28», que o tem com abundancia, mas para os igno-

rantes, para o Zé povinho que pega em archotes e dá vivas ha-de significar-lhes algo, quando a albarda lhe cair em peso por cima do costado.

Tambem nada queremos saber se podem ou não existir asylos, creches, etc., etc. districtaes.

Se aqui existe um asylo com tal denominação, a sua criação foi tambem por alguém contestada; e hoje, está de tal forma, que a nós nenhuma confiança nos merece.

Pelo que diz respeito ás outras

instituições, ellas só existem no cerebro do snr. J. Pimentel.

E não se atenha o collega tanto como parece ao *benefico* influxo das instituições officiaes; recorde-se que é regra geral ser a caridade particular quem custea a despeza de todos os institutos d'esta natureza, sejam elles quaes forem: senão teemahi exemplos, temol-os nós aqui com abundancia, graças a Deus.

Conheçam por tanto que não lhe aproveitando em nada o nosso asylo, cumpre-lhesahi crear um outro e por essa gloria, se quizer a de possuirmos o nosso, venha buscar-o que a tem de graça.

Não contestaremos ainda o direito que assiste aos vimaranenses de andarem a precorrer as treguezias visinhas a esta cidade de Braga, para os fins acima ditos; estão no seu direito.

O que não lhe aceitamos e repellimos com todas as veras de nossa alma é o diploma de ignorantes que com a maior desfaçatez do mundo nos foi conferido em o n.º 2 do «28 de Novembro»!

Tenham a bondade de ler: em Braga, como em todas as outras terras, a grandissima maioria não sabe ler nem escrever e nem sequer n'isso pensa, e porisso «sòmente uma fracção minima da população (de Braga) poderá enthusiasmar-se com a mathematica e a chimica.

Ora vejam lá como os de Guimarães nos julgam por elles e como reconhecem só directamente, os interesses de uma terra!...

Elles, que ignoram tudo sendo necessario até crearahi a Sociedade Martins Sarmento, para os instruir, veem-nos apodar a nós, os de Braga, de ignorantes, hein?

E de certo continuarão a proceder da mesma fórma, caso nos encontrem sempre dispostos a sofrer-los, como parece indicar a nossa conducta.

N'esta conjectura cada qual faça o que puder que nós não cessaremos de bradar: ás armas! Bracarenses!

CASTILHO

I.—Nasceu em LISBOA, a 26 de Janeiro de 1800, o aprimorado prosador Antonio Feliciano de Castilho, poeta igualmente distincto, e um dos tres maiores ornamentos litterarios dos nossos dias:—Alexandre Herculano, Almeida Garrett, e elle filho de José Feliciano de Castilho, medico illustradissimo do seculo.

Estimado e prezado sempre—quer no paiz, quer fóra d'elle—prezado e estimado desceu Castilho á valla dos mortos—apesar d'algumas excentricidades litterarias nos seus ultimos dias, pouco adunaveis a uma intelligencia tam suprema, e a uma cultura estudiosa de tam sublimes quilates.

II.—Desde a Universidade de Coimbra—onde grangeára com distincção os laureis da formatura em sciencias positivas—produziu sempre Castilho, tanto em prosa como em verso, *lucubrações* condignas de si, e condignas da educação esmerada com que o illustrado pae o exornára—apesar da quasi *cegueira* em que o via.

Ao anno de 1816, devem as letras patrias a primeira lucubração poetica de Castilho, n'um EPICEDIO á morte da Rainha D. Maria I.

Ao anno de 1818, devem ellas egualmente a segunda lucubração poetica do mesmo Castilho, n'um POEMA á EXALTAÇÃO do Rei D. João VI ao throno—exornado com o retrado do bardo juvenil.

III.—Entre os escriptos de Castilho em prosa—«rendilhada com os maximos primores da nossa lingua, e ataviado com os seus enfeites mais esplendorosos»—nenhum tam elevado avulta, nem tam grandioso em tudo, como os sublimados QUADROS HISTORICOS de Portugal—exornados com bellissimas estampas allusivas.

São oito perolas de subidissimo valor; não desdizendo das *septe primeiras* a *oitava*, elaborada pelo nosso historiador profundo Alexandre Herculano.

IV.—No genero mordaz d'arrepriar carnes e cabelo—expresso ao mesmo tempo com primor de phrase e laceração d'idea—nada ha comparavel entre nós, *nem haverá talvez no estrangeiro*, á famigerada TOSQUIA D'UM CAMELLO—endereçada como CARTA aos mestres das aldeas e das cidades, aggressores da LEITURA REPENTINA por Castilho preconizada.

No genero faceto de narração cavalleiresca, é de subidissimos quilates a sua chistosa CHRONICA da *Maria da Fonte*—exhausta quasi ao vir á luz em 1846, apesar de lançada então ANONYMA na *roda* dos expostos litterarios.

V.—Amontoando nos ultimos tempos excentricidades sobre excentricidades, não pôde Castilho evitar azedumes criticos entre nós—que de veras o amarguraram na vida litteraria, succedendo-o rudemente no elevado pedestal da sua gloria.

A famigerada QUESTÃO COIMBRAN—especie de guerra ingleza das *córes da rosa*, com paladinos fervorosos na estacada á lerta—foi um dos maiores travores litterarios para Castilho, como alvo attentatorio do respeito em que era tido, e da veneração em que era estimado.

VI.—Não se creia no entanto, que esta GUERRA POLEMISTA DOS NOSSOS dias, combatendo-se OS COIMBRETAS por um lado e OS LISBOETAS pelo outro—OS LISBOETAS em pró de Castilho, e contra Castilho OS COIMBRETAS—seja acaso uma nova GUERRA POLEMISTA de genero unico em si, *uma discussão azeda sem exemplo até hoje*.

Não o foi:—na *Allemanha*, «paiz classico das criticas substanciosas», tem a QUESTÃO COIMBRAN por modêlo vivo ao STURM UND DRANG, digladição de

inolvidavel renome, e á larga justificativa por isso do *nada novo debaixo do sol*.

Braga—1885.

O Professor do Lyceu, Pereira-Caldas.

LITTERATURA

O Venturo

Ao meu amigo e condiscipulo A. A. Teixeira Ribeiro

I

Na negra senda do viver errante, em negro crepe, em dor, em luto, em dó, gemia outr'ora a humanidade inteira quando do oprobrio a librava Um só.

Era o Venturo, o Deus, o manso, o sabio, que humanando redimia a todos, era o filho de Maria, a Virgem, isenta, incolome dos mortaes engodos.

Era um Deus que nos remia do oprobrio e escravidão, um Deus que aquem gemia dava alma e coração.

Era um Deus que, pequenino, nascia um dia em Belem, era Jesus, o mansinho, era Jehová tambem!

Era o Deus dos meninos, era o Deus dos Senhores, era o Deus dos passarinhos, era o Deus dos lavradores.

.....

E já completas todas as profecias D'Aggeu, Jacob, Daniel e M'lachias, ao mundo inteiro trovejava ovante a redempção altiva e triumphante.

II

E proclamava tão stupendo feito, unido ao peito de Maria o Christo, o Christo, terno, sancto, bom, clemente, Deus juntamente—terno e santo mixto!

Era tão pobre aquel' Deus das creanças, que dá bonanças a um marroso, que a Virgem Santa n'uma strophe ardente dizia fremente a seu Jesus choroso:

«Uma dor cruciante sem fim
«te espera meu filho divino,
«uma dor sem alivio, sem par
«é tua norma, teu triste destino!

«Que tristeza que eu tenho, que eu sinto
«Que agonia não parte meu peito
«que me punge, desfáz e perturba
«por não ter para ti um bom leitolo...

«Tu não dormes, meu filho, não dormes,
«tu não cerras teus olhos divinos?
«Não és tu o Senhor dos Senhores,
«não és tu o Senhor dos destinos?



«Que indigencia não vai entre nós
«Ail meu filho, que triste pobresa!
«eu já sinto tua face gelada,
«eu já sinto em ti a tristeza.

«Tu não chores, meu filho, não chores
«que me partes o meu coração
«manda um anjo, um ch'rubim um farcanjo
«que nos dêa com prodiga mão.

«Que tristeza que eu tenho, que eu sinto
«que agonia não parte meu peito
«que me punge, desfaz e perturba
«por não ter para ti um bom leite!...

III

O' triste Senhora
O' Mãe carinhosa!
não tens p'ra teu filho
uma alma piedosa?!...
Não tens quem te dê,
esmola minguada
oferta pequena:
ninguem te dá nada?!...

Ai não! ó Virgem para vosso Filho,
santo caudilho que remir-nos vem,
ha sempre a esmola que é o tributo,
puro, impoluto de quem nos quer bem.

Lá do oriente onde o sol se eleva
e os filhos d'essa são pagãos também
Vem caminhando ao brilho d'uma estrella
tres reis que ella condusindo vem.

E depois que estes potentados santos
hão com seus mantos coberto Jesus,
todos da estrella do milagre, anciosos
têm pressurosos procurado a Luz.

Seminario, Braga—1885.

João Lopes Carneiro de Moura.

Discurso pronunciado pelo terceiranista J. Marques Lima

Continuado do n.º 12

E' que nem todos são cordeirinhos de frio e mêtlo opprimidos.—Se os esforços e tentativas d'um Phebo Moniz, d'um D. Antonio, Prior do Crato, e de tantos outros portuguezes verdadeiros, e cujas arterias o sangue se expandia e pullulava d'indignação contra o pretendente insaciavel de 1880. Logo, se essas effervescencias epicas foram paralyzadas pelo direito da força, o patriotismo, o amor nacional e a equidade ainda não tinham sido soffucados á vós d'um tyranno; suas bajulações e grosseiros ideaes nunca poderam saciar a aspiração do portuguez; suas promessas dolosas e traiçoeiras jamais apagaram a gloria de nacionalidade; suas perfídias e adulações sarcasticas para o ente querido e estremecido da patria; longe de realisarem a malevolta concepção de tal despota, conca-tenaram os corações democratas n'um

unico e exclusivo pensamento—a libertação da nação Portugueza—seja desthronado o usurpador de Castella e aclamado D. João III, 8.º duque de Bragança;—era o favorito da Patria, era o idolo encomiado das turbas. Foi então que 40 varões, á frente ou sob os designios d'um simples reposteiro-mór da casa de Bragança, afervorados no amor da liberdade, e apenas resôa na athmosfera o estampido d'um tiro de pistola á hora precisa do meio dia, elles traduziram em acção tão bem delineado plano.

(Continúa)

D. Affonso Henriques

ESBOÇO PHYSICO E MORAL

(Continuado do n.º 12)

Em magnanimidade e fortaleza de braço podia contender com qualquer dos maiores capitães dos antigos. Foi tão grande cortador de espada, que na batalha onde elle entrasse fazia sempre campo largo. (1)

(Assimilhava-se aos bons jogadores de pau do nosso Minho, que são capazes de varrer um exercito armado com um bom lodo em punho.)

Finalmente, Affonso Henriques proseguiu a sua carreira militar com successos diversos mas sempre gloriosamente. (2)

Por estes dotes guerreiros se vê a rija tempera do 1.º rei portuguez que fazia tremer reis e povos quando agitava o seu braço colossal. No entanto parece que Fr. Bernardo de Brito e outros chronistas antigos, com aquella boa fé que os caracterisava, pareceu desmerecer os dotes d'este heroe, attribuindo o resultado feliz das suas emprezas a orações á protecção dos santos e do ceo desde a victoria de Val de Vez até a milagrosa batalha de Ourique.

Virtudes piedosas e religiosas teve Affonso Henriques muitas. Não foi menos piedoso do que guerreiro, porque todo o tempo que lhe restava das batalhas gastava-o em fundar mosteiros e reedificar Egrejas. (3) Era um religioso acrysolado. Resta saber, se por convicção se por conveniencia. Assistia com sobrepelliz no Córô de Santa Cruz de Coimbra entre os Religiosos, a todas as Horas Canonicas. O povo chamava-lhe o *Rei sancto*, attribuindo-lhe grande numero de milagres. Esta crença do povo chegou a tal ponto que vinham em grandes romagens depôr promessas no tumulo do rei portuguez, até que finalmente principiou-se o processo das virtudes do rei no tempo de D. João III afim de obter da Curia Romana a sua Cano-

(1) Duarte Nunes de Leão—pag. 48.

(2)—Portugal por Ferdinand Denis pag. 11.

(3)—Fr. Bernardo de Brito obr. cit.

nisação, pretensão que se não realison. Hoje já ninguém se lembra da *sancidade* de D. Affonso.

Eis em ligeiros traços o esboço do primeiro Rei portuguez.

O espirito do seculo, submettendo estes dotes do personagem esboçado á analyse rigorosa e fria da sua critica, termina por dizer que elle fôra apenas um homem vulgar do seu tempo. No entanto nós dizemos com o nosso epico.

MAS TANTO PELO MUNDO SE ALARGARAM
COM FAMA SUAS OBRAS VALOROSAS.

Coimbra, Dezembro de 1885.

Braulio Caldas.

CORRESPONDENCIA

Vianna, 28 de Dezembro de 1885

(Do nosso correspondente)

Proseguem fervorosas devoções para com a milagrosa Virgem Santa Luzia que se venera no cume do monte da mesma denominação.

Hontem, cêrca das 11 horas da manhã, sahio da Egreja Matriz d'esta cidade um côro de virgens acompanhado por uma philarmonica d'esta cidade a qual executando um hymno feito e dedicado á Virgem, por o sr. Manoel Freitas, habil musico d'infanteria 3—caminhavam pelo lado das ursulinas em direcção á capella; chegado alli e depois de algum tempo de descanso, emquanto findava uma missa cantada que se estava celebrando a grande instrumental, sahio a procissão que hia muito bem disposta, incorporando-se n'ella e alternadamente entoavam um cantico allusivo á Virgem acompanhado d'uma philarmonica, recolhendo á mesma capella depois de percorrer larga distancia em volta da mesma.

Eram 2 horas da tarde e começava então a subir o monte, quasi toda a pacata Vianna, que para aquelle maravilhoso e pittoresco local hia gozar uma tarde amena e deliciosa como a que hontem se apresentou e disfructar o bello e encantador panorama que se nos desenrola á vista mostrando o quadro magestoso da formosa *perola do Lima*. E' assaz louvavel a briosa e digna commissão, composta de cavalheiros illustradissimos a toda a prova pelos esforços que tem empregado em atrahir alli as devoções dos fieis, afim de levarem ávante a benefica ideia de alli edificarem um sanctuario semelhante ao do Bom Jesus do Monte para o que já tem recebido valiosos donativos, devendo em breve começar-se a estrada em direcção á capella.

—Realisou-se hontem na Egreja Matriz o consorcio do exm.º sr. Carlos Braga. Os nossos parabens.

C.

PASSA TEMPO

«Logogripho Achrostico»

z unbindo tu mesmo lá—4—5—6—10
 e este reino antigo—3—5—2—10
 e embrate logo este nome—1—10—7
 e endo n'elle um teu amigo—6—2—1—10
 e gora podes contar—4—5—1—4—10
 e ando fortes gargalhadas—4—10—8—9—7—1—9—7

e conceito que vou dar aqui no fundo
 e reparando: que o tiveste n'este—Mundo—

Braga—21—12—85. A. Infante.

Decifração—Nascimento.

Decifrações do n.º 12:
 Da charada—Rosario.
 Da advinha popular—Luz.

O tempo

R...

O caminhar constante do tempo lançou sobre nós mais um anno, tre sentos e sessenta e cinco dias, que representam seculos de agonia para alguns e momentos de prazer para outros.

N'este espaço de tempo houve filhos que ficaram orphãos; opulentos que experimentaram a miseria. Houve entes que ficaram sós no mundo, sem uma afeição que os console; outros que encontraram o complemento da sua existencia.....

Uns exultaram d'alegria; outros agonisaram de dôr.

O tempo é o poder universal e nada se furta a elle como disse Cicero: *nada pode escutar-se do seu poder para que o seu curso o não acabe.* No dizer de Thales Milesio o tempo é: *a medida dos annos e o relógio da vida.*

Felizes os que do passado tem recordações saudosas.....

Braga Dezembro de 85.

Arthur Soares.

Scenas alegres

Um cabula que tem a consciencia da sua nullidade, chega á Academia acavallo n'um burro. Apeia-se, entra na sala dos actos, para o seu exame, e com grande espanto seu é graduado bacharel.

E com um atrevimento incrível pergunta aos examinadores:

--Tenho alli no pateo o meu burro; querem formal-o bacharel?

--Não pôde ser, respondeu com dignidade o presidente da mesa, não podemos graduar mais de um por dia.

Um policia é encarregado de syndicar o nome de um homem que appareceu morto n'uma rua qualquer. Depois de feita a syndicancia deu a seguinte parte ao respectivo commissario:

«Pelas indagações a que procedi soube ser um tal Francisco Antonio, o dono do cadaver.»

A NOSSA CARTEIRA

Passeio Publico.—Hoje ás mesmas horas do costume se o tempo permitir a banda regimental executará o seguinte programma:

1.ª PARTE

- 1.º ordinario.
- 2.º Synphonia por J. P. Azevedo.
- 3.º Juryti, valsa por Reynaldo Varella.
- 4.º Grande Fantaisie sur la ópera Carmen, musica de J. Beyet.

2.ª PARTE

- 5.º Palmira, Mazurka, por A. M. Steffel.
- 6.º Duettode soprano—Barytono da opera Stisfelio, Verdi.
- 7.º Pirausta, Polka por P. G. C. Branco.

Senhor do Alecrim.—Na sexta feira passada deu posse a junta de parochia de S. Victor ao Exc.^{mo} Snr. Visconde de Negrellos, da capellinha do Senhor do Alecrim que existe no Ariel de cima junto á residencia d'aquelle dignissimo titular.

Presidiu á posse todas as formalidades do estylo, prontificando-se o Exc.^{mo} Visconde a veneral-a e cuidar da sua maxima conservação.

Guadalupe.—No dia de Reis, terá lugar na capella d'este pitoresco local pelas tres horas da tarde, uma brilhante calhandra, promovida pela devoção da Senhora da Piedade e para a qual são convidados todos os amadores.

Recita.—E' amanhã que se deve realisar esta verdadeira festa de caridade devendo seu producto reverter em beneficio da conferencia de S. Vicente de Paulo.

Alem de outras damas e cavalheiros tomam parte n'esta festa as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Ignacia de Faria, D. Carlota Pindella, D. Augusta Queiroz, D. Adelaide Ramos, D. Maria Antonia Fernandes; D. Cecilia Baptista; e os Exc.^{mos} Snrs. dr. José Borges de Faria; dr. Julio Portella, Fernando Castigo; dr. Manoel Cruz; Ipolito Maia e Antonio Maria P. Torres Junior.

Consagração.—A imponentissima festa que se preparava em Braga no proximo janeiro para a consagração d'esta archidiocese ao Sagrado Coração de Jesus foi preferida para o dia 16 de maio proximo futuro.

Associação Catholica.—Conforme aqui dissemos, realisou-se nos dias 25 e 27 de Dezembro continuando no dia 1.º de Janeiro, a representação sacra do nascimento do Salvador, sendo todos os trabalhos perfeitamente executados de forma a não deixarem nada que desejar. A enchente tem sido completa. O scenario é riquissimo rivalisando com o que se encontra nas casas d'este genero e de maiores dimensões.

Ao nosso particular amigo, o snr. Manoel Ignacio, a quem se devem estes passatempos innocentes e santos, os nossos parabens.

Ao publico, pedimos-lhe que experimente tão bello passatempo, pois é possivel que ainda hoje ou em dias proximos elle continue.

Posse da nova camara.—Teve-hontem lugar esta cerimonia nos passos do concelho, achando-se no acto alem de varias authoridades e empregados a companhia dos bombeiros municipaes.

Um pedido á Exc.^{ma} Camara.—Solicitamos d'aquella illustre corporação o obsequio de mandar remover para outro logar mais conveniente aquelle barracão que se encontra ao lado esquerdo do theatro, ou então providenciar de forma que elle não continue a servir para o que se tem prestado até hoje. N'aquelle lugar nada mais é necessario do que os dois urinoes que lá se encontram. Ao passar-se por Alli alem da immundicia que se observa, respira-se um ar tão nauseabundo que em ser prejudicial á saude é uma vergonha para esta cidade que deve timbrar em ser limpa e asseada.

Esperamos pois que a Exc.^{ma} camara nos attenda providenciando de fórma que não sofra demasiado tambem o dono do mesmo barracão mas que tal foco de infecção desapareça por completo.

ANNUNCIOS

O «Petiz»

Semanario litterario e noticioso

Trimestre 140 réis

Assigna-se na redacção, 215, rua de S. Lazaro—Porto.

BRAGA—TYPOGRAPHIA LUSITANA